

# ASSIM É A VIDA!

## *O pessimismo de Qohélet e Nietzsche como afirmação da vida*

*Such is life!*  
*The pessimism Qoheleth and Nietzsche as an affirmation of life*

Alonso S. Gonçalves<sup>1</sup>

### RESUMO

O texto se propõe a fazer um diálogo entre o *Qohélet* (livro de Eclesiastes) e F. Nietzsche. De imediato, o que os une é a maneira como veem a vida. No caso de Eclesiastes, a acidez perpassa quase todo o seu discurso e a vida, com os seus desdobramentos cotidianos, é vista como vapor (tradução da palavra hebraica *hebel* que geralmente é traduzida por “ vaidade”). Em Nietzsche, a vida com toda a sua dinâmica precisa ser tomada novamente pelo ser humano com todas as suas tragédias e fatalidades, ela precisa ser vivida com intensidade. O pessimismo funciona como uma espécie de recurso filosófico a fim de criticar as propostas e concepções que tentam amenizar a vida e suas vicissitudes. Tomando o texto de Eclesiastes como literatura sapiencial de Israel, ou seja, fazendo uma leitura literária e existencial do texto, o diálogo com Nietzsche contribuiria para uma concepção da vida como afirmação do *amor fati*.

**Palavras-chave:** Vida – Pessimismo – Amor – Literatura – Filosofia

### ABSTRACT

The text proposes to make a dialogue between Qoheleth (Ecclesiastes book) and F. Nietzsche. Immediately, what unites them is the way they view life. In the case of Ecclesiastes, acidity permeates almost all his speech and life, with its

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Ciências da Religião (2014); Licenciatura em Filosofia (2006); Bacharel em Teologia (2004). Realiza estudos, com o apoio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Processo n.º 2017/09589-8) na Universidade Metodista de São Paulo, pesquisando Teologia das Religiões e Diálogo Inter-religioso a partir da Teologia Protestante. Contato: <alonso3134@hotmail.com>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1066881650609101>.



daily consequences, is seen as steam (translation of the Hebrew word *hebel* which is usually translated "vanity"). In Nietzsche, life with all its dynamics must be taken by a human being with all its tragedies and fatalities again, it needs to be lived with intensity. Pessimism serves as a kind of philosophical appeal in order to critique the proposals and concepts that attempt to ameliorate life and its vicissitudes. Taking the text of Ecclesiastes as wisdom literature of Israel, that is, doing a literary and existential reading of the text, dialogue with Nietzsche contribute to a conception of life as an affirmation of *amor fati*.

**Keywords:** Life – Pessimism – Love – Literature – Philosophy

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Assumir a vida com suas ambiguidades não é tarefa muito fácil. Fazer o processo da reflexão a partir da existência sem subterfúgios alienantes como, a meu ver, o dinheiro e, em alguns casos ou na maioria deles, a religião como fuga da realidade circundante é um desafio.

Quem se propõe a pensar a vida como ela é – como Nelson Rodrigues costumava dizer –, é o *Qohélet*<sup>2</sup>, literatura sapiencial do Antigo Testamento que entrou no cânon judaico com muita desconfiança e descrédito. Um texto repleto de sentenças onde a acidez da vida se sobressai e o futuro é incerto e a atividade humana com todas as suas ocupações, principalmente o acúmulo de riqueza é *hebel*, ou seja, puro vapor, passageiro e efêmero. O *Qohélet* busca por algo que possa ser tangível, só não trata da existência de Deus, no mais ele discute com perspicácia as vicissitudes da vida. Ele não é profeta, muito menos moralista, é alguém que procura enxergar a discrepância entre o que foi ensinado e o que acontece de fato (LÍNDEZ, 1999, p. 169). Daí o seu pessimismo em relação aos discursos prontos de contentamento.

No caso de Nietzsche, a vida para ele é como Lulu Santos já profetizou: “nada do que foi será de novo do jeito que já foi um

---

<sup>2</sup> Qohélet é o nome hebraico do livro bíblico que em português recebeu o nome de Ecclesiastes.



dia; tudo passa, tudo sempre passará”. A vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito. Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche expõe três transformações que representa a passagem para encarar a vida de outra maneira: o camelo – corre carregado do peso existencial insuportável, trata-se da solidão, da angústia no deserto; o leão – a força, o desejo da liberdade do sentido, o tomar a vida pelas mãos; e o menino – metáfora da liberdade e da reconstrução, inocência, um começo, um brinquedo. Na metáfora do menino nasce um novo ser, em que a justiça, o amor, a vida, o lúdico, estão presentes. Com a figura do menino, Nietzsche quer a realização de uma vida sem rancor pela vida, sem ciúme, é o dizer sim à vida e suas contingências, é amar a sua realidade em todas as suas manifestações para que possa se transformar em leão com a leveza do menino (NIETZSCHE, 1996, p. 213-214).

A contribuição de *Qohélet* e Nietzsche se dá a partir de um olhar para a vida com coragem e, ao mesmo tempo, com amor.

## 1. A BÍBLIA COMO LITERATURA

A Bíblia é um patrimônio literário da nossa civilização.

No Brasil, por algumas razões – mesmo sendo colonizado por portugueses católicos –, a Bíblia não foi concebida como literatura a ser considerada principalmente em ambientes acadêmicos. Na academia a apropriação da Bíblia como literatura é visto com desconfiança, mesmo tendo um Machado de Assis ou um Guimarães Rosa terem sido influenciados por ela deixando rastros dessa influencia em seus escritos. Ainda assim a Bíblia é ignorada por literatos brasileiros.

Talvez a influencia do positivismo na educação brasileira tenha contribuído para isso; ou ainda o uso doutrinário da Bíblia por parte de católicos e protestantes tenha ajudado, mas o fato é que ela é um texto literário que desde cedo chamou atenção do literato alemão Erich Auerbach que em 1946 comparou as narrativas do Antigo Testamento com as de Homero.



Outro crítico literário de renome, o canadense Northrop Frye, afirma que para conhecer a literatura inglesa, por exemplo, é imprescindível o conhecimento bíblico (ZABATIERO & LEONEL, 2011, p. 19).

Sendo assim, é legítimo ver no texto bíblico de Eclesiastes uma literatura contestadora onde a existência é questionada para surgir daí uma concepção da vida com os seus dissabores e felicidades.

## 2. ASSIM É A VIDA DEBAIXO DO SOL

O *Qohélet* não está preocupado com a retribuição do bem ou do mal, ele está observando a vida e dela tira conclusões muito óbvias: “porque o destino do homem é o destino dos animais, e a mesma desgraça os espera: como morre um, assim morre o outro.” (Ec 3.19) A morte é aniquilação, não retribuição. O *Qohélet* não espera recompensa para os supostos méritos em vida; todos tem o mesmo destino, ou seja, assim é a consequência da vida (GABEL & WHEELER, 1993, p. 114).

Em outro momento *Qohélet* faz uma leitura do mundo que para alguns soaria fatalista demais:

vi debaixo do sol que não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha, nem tampouco dos sábios o pão, nem tampouco dos prudentes as riquezas, nem tampouco dos entendidos o favor, mas que o tempo e a oportunidade ocorrem a todos. Que também o homem não sabe o seu tempo; assim como os peixes que se pescam com a rede maligna, e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enlaçam também os filhos dos homens no mau tempo, quando cai de repente sobre eles. (Ec 3.9-12)

Aqui há, para usar uma linguagem nietzschiana, uma “transvaloração da moral, ou seja, de que os justos sofrem e os maus são recompensados” (MILES, 1997, p. 396).



A vida é para ser vivida com sua acidez que provoca angústias e desconforto, mas é neste sentido que se dá a vida como ela é, ou seja, não há nada de novo debaixo do sol, as coisas vêm e vão, surge e desaparece, nasce e morre. Assumindo a vida com suas ambiguidades, o ser humano pode entender que todo o trabalho é para a sua boca e, no entanto, seu apetite nunca estará satisfeito (ALTER & KERMODE, 1997, p. 301).

O *pessimismo* é um recurso filosófico de Qohélet, uma vez que ele acentua o aspecto negativo da vida e não vê nenhum sentido positivo para o curso da história (GIACCOIA JR., 2010, p. 140). Ele vê a vida e o elemento mais significativo dela, pelo menos no seu tempo, o trabalho e conclui:

quando avaliei tudo o que minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu tanto me esforçara para realizar, percebi que tudo foi inútil, foi correr atrás do vento; não há nenhum proveito no que se faz debaixo do sol. Para Qohélet a vida é cheia de futilidades e aspirações inúteis, ou seja, hebel – vento (KIVITZ, 2009, p. 45).

Chegar a essa conclusão é, por si só, uma afirmação da vida.

### 3. ASSIM É A VIDA, UMA CONSTANTE SUPERAÇÃO

Nietzsche apostou no niilismo para chegar a real condição do ser humano, ou seja, a negação de todos os valores e conceitos científicos, religiosos e morais. Um crítico ferrenho da cultura Ocidental, mas ainda alguém que via no amor o sim para a vida, um amor que aceitasse a vida como ela é de fato, inclusive com a sua crueldade; aceitasse o mundo e suas ambiguidades e amá-lo por isso, o que ele chama de *amor fati*, ou seja, amor ao destino.

A vida é incertezas, ela não é matemática, ela é superação, desespero, esperança, amor, ódio... A vida é projeção, construção, nada pronto, é imperfeição...



Num primeiro momento Nietzsche é influenciado por Schopenhauer e sua obra *O mundo como vontade e representação*. Uma filosofia pessimista da vida, mas ainda, no entender de Nietzsche uma metafísica da vontade. O que ficou dessa leitura foi à convicção de que o homem é um eterno insatisfeito com a sua existência.

As leituras em Schopenhauer e Dostoievski levaram o jovem Nietzsche a valorizar a vida e suas contingências desconsiderando o aspecto científico que tinha a pretensão de explicar tudo a partir da razão. Ele via a vida não como lamentação; a tragédia não como expiação, mas como necessária ao crescimento vital da vida. A vida é uma constante transformação, e por isso, deve-se estar preparado para o inesperado, para a surpresa, para as batalhas que ela oferece.

Alguém que experimentou a solidão profundamente; experimentou a rejeição da sua bela Lou Salomé, aluna russa que não quis casar-se com ele; acometido de uma doença mental incurável, Nietzsche, mesmo doente, era saudável. Ele tirava proveito dos momentos mais dolorosos da vida. Ele concebe a tragédia como algo que ocorre, naturalmente, à vida e aceita as contingências da vida de forma aberta, sem mediações, quer científica ou religiosa, pois a vida é assim

quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas todas às coisas. Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2012, p. 166).

Nietzsche não é pessimista com a vida em si. O pessimismo dele, assim como o de *Qohélet*, é com os discursos e subterfúgios que tentam amenizar ou neutralizar a dinâmica da vida com todas



as suas conseqüências. Em Nietzsche, a vida é vivida e não negada, pois a vida é assim, é um constante vir a ser

tudo vai, tudo volta; a roda da vida gira sem cessar. Tudo morre; tudo volta a florescer; correm eternamente as estações da vida. Tudo se destrói, tudo se reconstrói, eternamente se edifica a mesma casa da existência. Tudo se desagrega, tudo se saúda outra vez; o anel da vida conserva-se eternamente leal a si mesmo. A todos os momentos a vida principia; ao redor de cada aqui, gira a bola acolá. O centro está em toda parte. O caminho da eternidade é tortuoso (NIETZSCHE *apud* SOUSA, 2009, p. 28-29).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pessimismo de *Qohélet* se justifica a partir da ideia de que as coisas tem uma retribuição meritória. Ela não se concretiza. Para Jack Miles, o *Qohélet* questiona a própria sabedoria tradicional de que o esforço é compensatório (MILES, 1997, p. 396). O contrário disso, é encarar a vida com coragem, pois ela tem, naturalmente, as suas armadilhas e a morte é uma delas. *Qohélet* quer chamar atenção para o fato de que a vida precisa ser vivida com intensidade. O dinheiro não precisa ficar sendo poupado, ele precisa gasto; o amor precisa ser mensurável, ou seja, vivenciado com pessoas que se gostam e se amam.

Quanto a Nietzsche, a vida é assim, simplesmente vida! Para ele os obstáculos da vida são estímulos para viver mais e intensamente. Não há negação da vida, mas afirmação dela.

Se para *Qohélet* o pessimismo se dá com uma teologia da retribuição, em Nietzsche o pessimismo se dá com todas as formas de prender a vida, de tentar amenizar a sua vivacidade, de procurar meios que neguem o estado da vida aqui e agora.

No fim o que se quer, tanto *Qohélet* quanto Nietzsche, é celebrar a vida para que o *Epitáfio* dos Titãs não seja um passado sem vida.



*Devia ter amado mais  
 Ter chorado mais  
 Ter visto o sol nascer  
 Devia ter arriscado mais  
 E até errado mais  
 Ter feito o que eu queria fazer...  
 Queria ter aceitado  
 As pessoas como elas são  
 Cada um sabe a alegria  
 E a dor que traz no coração...  
 O acaso vai me proteger  
 Enquanto eu andar distraído  
 O acaso vai me proteger  
 Enquanto eu andar...  
 Devia ter complicado menos  
 Trabalhado menos  
 Ter visto o sol se pôr  
 Devia ter me importado menos  
 Com problemas pequenos  
 Ter morrido de amor...  
 Queria ter aceitado  
 A vida como ela é  
 A cada um cabe alegrias  
 E a tristeza que vier...*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Robert & KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: UNESP, 1997.

GABEL, John B. & WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**: uma introdução. São Paulo: Loyola, 1993.

GIACOIA JR., Oswaldo. **Pequeno dicionário de filosofia contemporânea**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.





KIVITZ, Ed René. **O livro mais mal-humorado da Bíblia**: a acidez da vida e a sabedoria do Eclesiastes. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

LÍNDEZ, José Vílchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. São Paulo: Loyola, 1999.

MILES, Jack. **Deus**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOUSA, Mauro Araujo de. **Nietzsche**: viver intensamente, tornar-se o que se é. São Paulo: Paulus, 2009.

ZABATIERO, Júlio P. T. & LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.

